



A companhia dinamarquesa Hotel Pro Forma é mundialmente conhecida pelos seus espectáculos altamente visuais e musicais. Fundada em 1985, o Hotel Pro Forma sucede ao Billedstofteatre. Recentemente o seu trabalho tem sido marcado por encomendas de grandes teatro europeus. Em Outubro de 2013 estreou a ópera de Wagner, Parsifal, no Teatro Wielki em Poznan na Polónia. Em Janeiro de 2014 apresentou Rienzi. Rise and Fall, também de Wagner, sendo este um dos eventos da abertura oficial de Riga Capital Europeia da Cultura. Em Março estreou o Cosmos+, o seu primeiro espectáculo para crianças, e adultos, no Teatro Nacional da Lituânia em Vilnius. Em Junho de 2015 apresentará as três óperas de Rachmaninov, num espectáculo intitulado Rachmaninov Troika na La Monnaie De Munt, ópera de Bruxelas.

KIRSTEN DEHLHOLM

entrevista

Quais as suas impressões sobre o último espectáculo, War Sum Up, agora que estreou, andou em digressão e foi apresentado em Copenhaga? O que pode dizer desta produção em relação ao reportório do Hotel Pro Forma?

Para mim, este espectáculo concretiza a minha ambição de uma grande produção. Isso significa um espectáculo que possa andar em digressão, em grandes palcos, e que abrace um grande público pelos seus meios e pelo seu tema. O tema é eterno - a guerra existe desde que há

humanidade, um grande tema. Grande parte de nós conhece este tema de longe, poucos de nós estiveram mesmo na linha da frente, e especialmente neste canto do mundo não pensamos na guerra como algo em que estejamos envolvidos. Mas desde há alguns anos a Dinamarca é também um país em guerra, primeiro no Iraque e depois no Afeganistão, e assim recebemos soldados mortos. Então este era um tema cada vez mais próximo de mim, sobre o qual era necessário olhar e tratar. No Hotel Pro Forma usamos sempre grandes temas para as nossas produções e a guerra é um grande tema.

Claro que nunca seria capaz de criar um espectáculo como se fosse um filme de guerra, teria de abordá-lo e abraçá-lo de forma mais abstracta, contudo ninguém poderia duvidar sobre a temática deste. O espectáculo contém muitos elementos, como todos os espectáculos, mas estes chegaram até mim de uma forma muito natural. Primeiro a música, colaborar com o coro - primeiramente só com um compositor, depois com um segundo compositor, o qual nós propusemos, ou seja, dois compositores de formação distinta, um clássico, outro pop. De seguida o fascínio pela Manga, uma expressão actual, uma manifestação absolutamente contemporânea, bastante popular no Japão mas também na Europa. Esta tem muitos fãs, é um fenómeno de culto entre grupos de jovens. É algo em que nunca estive interessada, tenho de admitir. Nunca estive interessada em banda desenhada, ou revistas aos quadrinhos. Há tanta violência, mesmo muita violência, exagerada; é tudo plano, unidimensional. À parte disso respeito bastante o ofício do desenho, respeito e sigo a evolução deste fenómeno. Por acidente encontrei uma série de livros chamados "Como desenhar Manga?", e aí percebi que poderia usar esse material, que é Manga, mas não é a forma convencional de contar uma história. Aqui vamos directos à

essência de desenhar: um corpo, uma face, uma arma, feições do rosto; usando este meio simples poderia contar a minha história da guerra de uma forma bastante compreensível. Pode-se dizer de uma forma simples. Isto seria oposto a toda a complexidade de um espectáculo: mistura de projecções, movimentos, luzes e música, claro. De um lado temos esta forma clara de contar uma história, do outro lado muitas, muitas camadas através da luz e música. Agora que este espectáculo está terminado, estou contente com o resultado, porque sintetiza tantos anos de experiência em produções do Hotel Pro Forma, porém ainda conseguimos caminhar em direcção a algo novo: tentamos novos métodos, fomos mais extravagantes. Penso que esta é uma nova expressão do Hotel Pro Forma. Vejo-a como uma novo clássico do Hotel Pro Forma, mas certamente um desenvolvimento de um clássico da companhia. Estou muito satisfeita com este espectáculo. Penso que fomos bem sucedidos em tudo: na dramaturgia, nos meios, na estética. Sei que nem toda a gente concorda com isso, alguns pensam que é muito estático, que não conta a verdadeira história da guerra, mas também recebemos boas reacções. Pela minha parte estou muito feliz e o mais importante passa por estar convencida sobre a totalidade do trabalho.

Espero que tenha uma vida. Consegue o que qualquer bom espectáculo deveria - tocar o espectador. Por vezes faz as pessoas chorar. Envolve o espectador num processo lento. Gosto do seu ritmo.

Enquanto War Sum Up andava em digressão, o Hotel Pro Forma levou a cabo outro projecto, um projecto mais pequeno, Oktobernat, este completamente diferente, tanto nos seus meios, como nas suas condições de produção. Como surgiu o convite e o que acabou por ser, no fim, esta performance?

Oktobernat é um das pequenas produções que, mesmo assim, demoram bastante tempo, porque não consigo evitar passar muito tempo à volta de um projecto. No entanto é divertido realizar estes projectos porque as grandes produções demoram dois, três e até quatro anos a serem apresentadas e espectáculos como War Sum Up estão acabados, o máximo que é possível, sendo apresentados sempre da mesma forma em palco, estando bastante controlados. É assim porque tem de ser. É de igual forma muito importante e positivo realizar projectos mais pequenos, onde trabalhamos com fontes e ideias improvisadas, estímulos que nos deslumbram num instante: um local por exemplo. Porque não fazer alguma coisa num lugar, uma performance, que

seja apresentada uma só vez, com um orçamento muito reduzido, uma oportunidade para experimentarmos pela primeira vez novas técnicas. Muitas vezes são trabalhos site-specific, neste caso na Biblioteca Real em Copenhaga, no âmbito da Noite Cultural. Perante esse convite tive uma certa ideia, apresentei-a, e gostaram dela. Neste tipo de produções temos muitos poucos ensaios, contamos então com a ajuda de muitas pessoas, necessitamos de muita preparação. A ideia surgiu do meu fascínio em observar pessoas nos tapetes rolantes da Biblioteca, pois durante 1 minuto, duração da viagem, as pessoas estão de certa forma num palco, visto que toda a gente os consegue ver, mas ao mesmo tempo, as pessoas estão numa situação privada e mais ou menos conscientes de que podem estar a ser observados. Então os utilizadores estão num não-espaco, num espaco liminal, entre o dentro e fora, o interior e o exterior, entre estados mentais, entre duas situações. Aqui não há objectivos, excepto o desejo de subir ou descer. Algumas pessoas aproveitam a oportunidade para descansar um pouco, não toda a gente. Adoro observar pessoas durante muito tempo, adoro trabalhar com texto em diferentes formas, e gostaria de ouvir o texto ser dito por muitas pessoas, por muitas vozes.

Esta ideia poderia ser realizada na Biblioteca onde há tantos clássicos da literatura. Para esta performance sugeri um texto escrito por um autor dinamarquês famoso, já falecido, hoje quase esquecido. Um ótimo autor do virar do séc. XIX para o século XX, Johannes V. Jensen, que escreveu um romance chamado *Oktobernat*. Era o mês de Outubro e o romance apresentou-se como perfeito para mim, da forma como está escrito, o drama, a sua dimensão. Então adaptei-o para um guião, atribuindo um número a cada frase e distribuindo cada frase por uma pessoa diferente. Primeiro os participantes leram as frases em voz alta, organizamos as frases, e fizemos uma composição das pessoas e das frases, de modo a que a história pudesse ser contada como uma só história, enquanto o público observava diferentes pessoas a descer e subir os tapetes rolantes. Teve a duração de 20 minutos, a qual me parece adequada. Eu estava bastante obcecada com isto, porque é muito difícil compor, como eu queria, uma constelação de pessoas nos 2 tapetes rolantes, uns a subir, outros a descer. Nessa noite à primeira apresentação chamar-lhe-ia um ensaio geral; a segunda apresentação foi bastante boa. No fim, penso ser importante mover-me entre diferentes

formatos de espectáculos. Também já fizemos uma exposição na Biblioteca Real, há cerca de um ano atrás. Todos os projectos significam um outro desafio, um outro formato, outros meios de reflexão: o que seria o mais correcto fazer para esse projecto. É isso o que me faz continuar a criar.

Falando em criar espectáculos de diferentes dimensões e formatos, quão fácil é para si criar tanto um espectáculo como uma exposição? Como concretiza projectos tão distintos?

É bastante fácil mover-me entre formatos, desde que o processo seja contínuo. Diria que nas três ou quatro semanas antes da estreia de uma grande produção não me consigo desdobrar muito. Limito-me a trabalhar, e a dar atenção, ao espectáculo que vai estrear. Antes desses períodos é de certa forma fácil saltar de projecto para projecto. É divertido. Consigo adaptar-me bem às exigências de cada um. Entretanto também tenho de dar palestras, por exemplo, e essas actividades são intercaladas com a criação. É possível, diria que talvez seja possível porque não tenho crianças pequenas! É possível com muito trabalho e dedicação, como em outras áreas, não só nas artes.

Quando examinamos o grande espectro de criações do Hotel Pro Forma encontramos espectáculos, exposições, instalações, as quais por vezes são parte de um espectáculo. Pensei então para mim que a companhia gosta de descobrir, encontra um espaço e assim dar-lhe uma vida. Isto é verdade?

De certa forma é verdade. Não é só para dar uma vida ao espaço, pois há muitos espaços que vivem já muito bem por si, mas para dar uma outra vida, uma segunda vida. Uma outra vida que normalmente não existe e através desta nova vida pode-se encenar o espaço, para que o possamos vivenciar de outra maneira; vê-lo de forma diferente, concebê-lo de forma distinta. Esta experiência poderá ficar com o espectador, pois quando este sai vê outros espaços de forma distinta. Isto já aconteceu, segundo relatos de espectadores. É mesmo uma forma de encenar o mundo. De colocar no espaço o que existe no mundo, misturá-lo de maneira diferente e em seguida vê-lo diferentemente; pois é oposto, está confundido com algo que não sabíamos, ou com algo que não pertencia ao espaço. Logo, para mim, os espaços são muito inspiradores - que tipo de possibilidades podem oferecer, para além do que normalmente oferecem. Consigo ver para além do que estes normalmente oferecem.

Eles são para mim uma grande inspiração, pois acredito que nós vivenciamos na totalidade. Estamos sentados neste espaço, nós sentimo-lo, podemos não lhe prestar muita atenção, mas sentimo-lo.

Como artista sente um impulso para colocar em palco? É colocar em palco o ímpeto principal do seu trabalho?

Julgo que sim. É bastante intrínseco. Dá-me uma grande satisfação ser a marionetista, a encenadora que move os elementos e pessoas de um lado para o outro, para estes então mudarem de posição e simplesmente chegar além do que efectivamente está ali. Penso que há sempre um qualquer para além. O para além de, o ultrapassar de, é infinito. Esta ideia pode assustar-nos, talvez. O mundo é complexo, e isso assusta-me claro. Quero agarrar-me então a alguma coisa, mas outra coisa inquieta-me para não o fazer, e assim avançar. Não sei porque é assim, mas tem sido sempre assim. É a curiosidade. Não sei desenhar, nunca pintei, usei materiais têxteis para me expressar quando era mais nova. Tenho uma predilecção pela tactilidade e pelos materiais no seu aspecto estético, este depois combinado com o aspecto ético, se assim se pode dizer. Nem tão pouco sou designer. Não estou a conceber produtos para serem usados; isso eu não sei fazer.

Deve haver algo de inútil nos meus produtos! Para que podem ser usados? Para que pode ser a arte usada? Pode ser usada para aspectos mais íntimos. Acredito que seja uma forma de navegar no mundo, pois se eu não tivesse estes meios, seria muito envergonhada. Não sou muito capaz de improvisar ou de ser a miúda engraçada. Contudo, se tiver algumas ferramentas nas minhas mãos para usar quando interajo socialmente, aí sinto-me mais segura e confiante.

Ainda no tópico do impulso de colocar em palco, porque escolheu este meio que é o teatro para trabalhar? Porque este se centra essencialmente no colocar no espaço e encenar de pessoas e objectos, ou houve outras razões ou atracções para tal?

Quando comecei a fazer performances foram várias as razões que me atraíram para este meio. Gostava muito de trabalhar com outras pessoas, de colaborar, e o teatro é basicamente colaboração entre pessoas. Quando estava a trabalhar com materiais suspensos e esculturas estava a fazê-lo sozinha, e isso não era satisfatório para mim. Então comecei a fazer performances, nas quais eu participava no início, mas rapidamente se expandiram para nove pessoas. Também na altura era muito mais fácil receber fundos para teatro e performance do que para as

artes visuais. Então à minha arte visual chamei teatro-performance. Lentamente comecei a receber fundos do Instituto das Artes.

O processo criativo da companhia envolve sempre colaborações com outros profissionais e artistas. Para cada novo projecto reúne sempre um grupo único de pessoas?

O nosso trabalho revela sempre colaborações, e necessita de colaborações. Nesse sentido ainda aprecio bastante o nosso nome, Hotel Pro Forma, porque hotel é uma metáfora para o edifício com muitos quartos, e muitos espaços, onde entram e saem muitas pessoas. É isso mesmo o que acontece aqui e eu adoro. Assim, investigo o mundo igualmente através das colaborações; não só pelo produto, mas também pela colaboração se realiza uma investigação do mundo. E isso é maravilhoso.

Sabemos que cada produção é bastante particular, ao partir de uma ideia específica ou conceito, e ao reunir uma equipa artística única. Sendo assim tem um modelo de processo criativo standard ou esse muda de acordo com a especificidade do projecto?

Até certo ponto um tipo de produções usa, por assim dizer, um método.

Se falarmos das grandes produções sei antecipadamente com que performers e com que espaço posso contar. Mesmo antes de conhecer os performers já elaborei as marcações. Elaboro-as na forma de desenhos muito simples. Muitas vezes encenamos o desenho de luz antes dos performers chegarem. Este é um método de trabalho no qual eu imagino a disposição cénica, evitando assim atrapalhar-me quando tiver os corpos à minha frente. Com frequência temos um tempo de ensaios muito limitado, sendo assim já tenho criado as composições, as imagens. Claro que irei alterar um pouco aqui e ali, mas não muito. Por outro lado o espectáculo tem de estar terminado para a estreia; se assim não acontecer nunca estará acabado. Este método é aplicado às grandes produções, aquelas que são bastante controladas. As produções mais pequenas exigem outros métodos. Nestas, estou mais a experimentar com as técnicas, a brincar, a ensaiar. Com o uso do texto estou embrenhada em experimentar situações com texto e espaço, pondo à prova certos métodos, onde o espaço passa muito por ser um interveniente juntamente com o performer e o texto. Temos integrado mais e mais a paisagem sonora amplificada para os espectáculos de texto. Para o futuro espectáculo *Laughter in the Dark* estou realmente a experimentar com a forma e com o processo de como trabalhar com a

palavra. É um pouco assustador, mas necessário e interessante. Ainda não sei as marcações dos actores, penso que terei uma maior colaboração com os actores, e isso não é usual para mim. Normalmente os actores têm de saber precisamente onde estar e para onde olhar, contudo neste caso não será assim. Iremos tentar outras opções, e isso mete-me medo. Mas temos de o fazer.

Refere-se muitas vezes ao espaço como um interveniente da criação. Parece igualmente que o som, a paisagem sonora, ou o desenho de luz podem tomar essa figura. Têm todos os intervenientes do espectáculo a mesma importância, e são todos tomados em conta ainda numa fase precoce do processo criativo?

Sim, isso acontece. Todos os intervenientes são incluídos desde o início, sendo estes igualmente importantes. Em seguida é preciso saber doseá-los de forma diferente, para que às vezes um interveniente tenha mais projecção do que outro. Certamente são trabalhados desde o começo tendo uma voz determinante. Logicamente que nos inícios ainda não sei como vai ser o movimento ou a luz, mas sei que estes são igualmente importantes e por vezes um destes tem de ser subjugado em função de outro.

Por isso é sempre um equilíbrio. É sempre uma harmonia.

Como encenadora, onde pensa posicionar-se esteticamente? Com que outros encenadores ou companhias sente afinidades?

Lembro-me de o Romeo Castellucci chamar ao Hotel Pro Forma “Os guerreiros da beleza”. Há muitos anos atrás o filósofo Per Aage Brandt referiu-se ao nosso trabalho como “A precisão de um sonâmbulo”. Per Aage Brandt escreveu o texto para o espectáculo Carpe, Carpe, Carpe. Claro que há famílias entre os encenadores no mundo. Eu tenho famílias, completamente; eles são os meus parentes. Mas não sei se há alguém que produza tantos tipos de espectáculos como nós. Se pensarmos no Jan Farber, ele faz um tipo de espectáculos assim como o Romeo Castellucci. Eles são encenadores maravilhosos; o Bob Wilson, claro. Penso que no meu trabalho se pode encontrar bocados de um e outro encenador, se assim quisermos. Eu nunca fico no mesmo lugar, e isso faz com que seja difícil vender espectáculos, ou trabalhar comigo em diferentes contextos. Não vejo outros a experimentar tanto; com o contexto e a forma. Aqueles que experimentam fazem-no num certo formato. Nós temos vindo a criar espectáculos em formatos e meios tão diferentes. Não criamos tanto na internet, usamos os meios audiovisuais certamente, mas não fazemos

produções para a internet. Penso que temos tentado tantas opções.

Olhando para os espectáculos do Hotel Pro Forma percebemos, mesmo que inconscientemente, um forte ingrediente de ordem - uma ordem física mas também sensual. Essa ordem vem, por acaso, da música?

Não, porque nunca começo com a música, nem sei música. Já fiz bastantes trabalhos musicais, mas não sei notação, escalas, ou ler música. É até difícil para mim descobrir o corpo da música. Contudo sei se a música funciona com as minhas imagens - isso eu sei. Muitas vezes crio as imagens antes de ter a música. Então a ordem não vem da música. Penso que esta vem do desejo que tenho de ser capaz de compreender, pois sou muito consciente da complexidade de tudo. Se as coisas são muito complexas necessito de ordená-las senão tudo fica muito confuso na minha cabeça, e para isso não acontecer coloco os elementos em ordem. Isto é algo que está na minha natureza. Não sei de onde vem, mas certamente é algo que está comigo, pois se tudo estiver caótico, eu fico muito confusa. O desafio apresenta-se como: por quanto tempo podemos manter o caos, antes de ordená-lo? Quando tenho uma ordem fico muito feliz. É um grande desafio não ter uma ordem e um conceito claro.

A ordem é uma espécie de espaço. A ordem é como o espaço e se eu não tenho o meu espaço estou perdida.

Vamos chamar a experiência do assistir a um espectáculo do Hotel Pro Forma uma experiência estética. O mundo de hoje necessita de experiências estéticas?

O mundo necessita de beleza e os espectáculos do Hotel Pro Forma são beleza, estão cheios de beleza mesmo quando falam de guerra. É a beleza mais do que a estética, porque a estética para mim não é suficiente. Há qualquer coisa subjacente, e é a beleza. Uma vez vi uma imagem de uma ponte num jornal sueco e a legenda dizia: "Tão bela que tem de chorar." Só isso: uma ponte tão bela que tem de chorar.

Do ponto de vista de alguém do Sul da Europa parece-me que há uma essência genética escandinava ou nórdica nas criações do Hotel Pro Forma. Sente-se influenciada por uma cultura material local, pelo design e arquitectura, por exemplo? Ou estas variáveis não estão presentes?

Eu nasci e vivi aqui. Acredito que a variável escandinava está nos meus genes, no meu sangue, de alguma forma. E uma ordem escandinava também; há uma certa ordem na Escandinávia. Julgo que faria algo diferente se estivesse em França ou em Portugal. O que nós fazemos

não se assemelha com o resto da criação artística na Escandinávia, não consigo ver paralelos. Mas consigo ver os nossos espectáculos opostos ou comparados com outros tipos de espectáculos noutros países, com outras estéticas. Isto é algo que não consigo evitar.

MARIA CARNEIRO
Copenhaga, Novembro 2011

BIO KIRSTEN DEHLHOLM

Kirsten Dehlholm é fundadora e directora artística da companhia Hotel Pro Forma com sede em Copenhaga. Com formação em artes plásticas Kirsten Dehlholm trabalha com teatro e arte da performance desde 1977. O seu trabalho mais actual inclui a criação de conceitos e encenação de espectáculos para o Hotel Pro Forma, estes apresentados mundialmente. A companhia produz também instalações. Cada espectáculo consiste numa nova experimentação, a qual engloba uma encenação dupla: de conteúdos e do espaço. A arquitectura e a tradição dos espaços de apresentação são parceiros na construção dos espectáculos. Percepção, perspectiva e temas do mundo actual entrelaçam-se numa obra de arte conceptual e visual. Cada espectáculo é o resultado de uma colaboração próxima com profissionais de diferentes disciplinas - artes visuais, arquitectura, música, literatura, ciências humanas, media digitais e ciências naturais. Os projectos do Hotel Pro Forma são bastante variados, pois tanto o espaço, os colaboradores, e os performers mudam de espectáculo para espectáculo. Kirsten Dehlholm e o Hotel Pro Forma têm criado espectáculos para museus, edifícios públicos, assim como para teatros e casas de ópera mundialmente.

BIO MARIA CARNEIRO

Maria Carneiro é licenciada em Estudos Artísticos - Artes do Espectáculo pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e mestre em Teatro - Encenação, Produção pela Escola Superior Artística do Porto. É investigadora do Grupo de Estudos de Arquitectura do Centro de Estudos Arnaldo de Araújo com trabalho desenvolvido em torno do teatro e arquitectura e teatro e imagem. Estagiou no The Centre for Performance Research no País de Gales, e na companhia dinamarquesa Hotel Pro Forma, onde foi também assistente da encenadora Kirsten Dehlholm.